







SOBREVIVÊNCIA

O PESO DO NOME

M. ROSE

Título Original: Sobrevivência – O Peso do Nome

Autora: M. Rose

Copyright © Editora Nova Geração & M. Rose

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Fábio Pinto, Catarina Neves e Ana Domingues

Paginação: Tânia Roberto

Ilustração: Ana Marques

Capa: Alexia Oliveira

1ª Edição: fevereiro de 2026

Acabamento/Impressão: NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal:

ISBN: 978-989-3619-28-5

editora
**nova
ger**



Para aqueles que se perderam por amores pela pessoa inesperada.
E à minha *famiglia*, que preparem a água benta antes de tudo.



Avisos de Gatilho

Este livro não é para todos. A lista de gatilhos é cada vez mais importante. Por isso, se algum gatilho vos faz confusão, não leiam só porque todos o fazem. Pensem primeiro na vossa saúde mental.

Contém ameaças, conteúdo sexual explícito, morte, tortura, violência, rapto, casamento forçado, aborto, e relacionamento possessivo dentro de uma sociedade de Homens Honrados.

Não se comparem como leitores, apenas desfrutem da leitura. Isso é o mais importante.



Nota da Autora

Este novo livro é completamente diferente de tudo o que estão acostumados da minha parte. É mais obscuro e com um tema fora da minha zona de conforto. Claro que envolveu muita pesquisa, apesar de pouca informação existente. Mas foi, sem dúvida, o projeto que mais prazer me deu a criar.

Mas como surgiu esta ideia tão rebuscada?

Em suma, tive um sonho — nada que ver com o resultado — em que fugia de uma situação durante uma viagem de carro. Esse sonho perseguiu-me durante todo o dia até abrir um documento e começar a escrever. Precisava de colocar tudo no papel. O clique e a projeção de toda a ideia surgiu depois, envolvendo uma sociedade de Homens Honrados. Não esperei apaixonar-me pela história ou pelos personagens. Foram o mês e vinte dias mais intensos a escrever a primeira versão.

Ao entrar neste tema, quis também aprofundar o erótico, algo que não pensei que fosse capaz de fazer, mas acho que resultou muito bem.

O Salvatore não é um personagem moralmente correto, mas é um dos meus «queridinhos». Não quer dizer que não julgue ou que desculpe todas as suas atitudes. Isto é apenas ficção!

Apesar de ter escolhido a máfia como pano de fundo, algumas partes são meramente ficção ou que já caíram em desuso na realidade. Nesta sociedade que retrato, o homem tem o poder e a mulher é uma mera submissa ao marido. O meu foco era que as protagonistas femininas ganhassem voz e conseguissem vingar num mundo cheio de machismo durante a jornada neste universo. Qualquer semelhança com a realidade é meramente coincidência.

Antes de apreciarem o livro, deixo-vos com uma pequena nota: poderão deparar-se com *famiglia* escrito de várias formas, porém é intencional. *Famiglia* ou *La Famiglia* refere-se à *famiglia di crimine*, ou seja, ao grupo de pessoas que «trabalham» para um determinado *Capo Famiglia* (chefe de família). Enquanto *famiglia* refere-se à *famiglia di sangue*.

Esqueçam tudo o que leram meu e boa sorte ao entrarem neste mundo. Ninguém estará a salvo. Podem fugir, mas não se podem esconder. Espero que gostem destes dois e preparem-se para uma aventura à volta do mundo, pois esta autora já está a preparar os próximos.

Playlist

A música faz parte de mim. Não consigo deixar de ouvir enquanto estou no processo de criação. Estas foram as músicas que mais representaram este livro.



2 WEI, Edda Hayes – Survivor
Sam Tinnesz – Play with Fire (feat. Yacht Money)
ARCANA, Zack Merci – Villain
Leah Kate – 10 Things I Hate About You
Doja Cat – Paint The Town Red
Neoni – Darkside
Everybody Loves an Outlaw – I See Red
Måneskin – I WANNA BE YOUR SLAVE
Alec Benjamin – Devil Doesn't Bargain
Damiano David – The First Time
Ruelle – War Of Hearts
CARYS – Princesses Don't Cry
Imagine Dragons – Warriors
Tomme Profitt, Beacon Light, Sam Tinnesz – Enemy
Chloe Adams – Dirty Thoughts
Ariana Grande – Dangerous Woman
Dutch Melrose – RUNRUNRUN
April Jai – Morally Grey
Måneskin – Beggin'
Petar Markoski – Una Signora
Gracie Abrams – I miss you, I'm sorry
Chris Grey – LET THE WORLD BURN



Parte I

La famiglia è tutto.¹



¹ Provérbio italiano: A família é tudo.





Capítulo I

Isabella

SOBREVIVÊNCIA.

Era a única coisa que conseguia pensar depois de ter «dado o nó».

As palavras de *papà* não me saíam da cabeça.

*Decidi que deverias esposar o Capo di tutti Capi.*²

Don Salvatore De Luca, também conhecido por *Il Principe*, era um dos homens mais implacáveis da sociedade de Homens Honrados que operava na Sicília.

Só de pensar nisso sentia-me enojada. Era importante para os Moretti firmarem a aliança há muito cobiçada. Afinal, era esse o objetivo principal desta união! *Papà* só pensava nas vantagens de ter Salvatore De Luca como genro, especialmente após ele tomar posse dos negócios da *Famiglia*.

O coração acelerava e as mãos transpiravam só de pensar no que aquele homem poderia querer fazer naquela vida conjugal. Não iria desperdiçar uma oportunidade de fugir! Recusava-me a estar presa a este casamento forçado. Não entendia como é que o meu progenitor tivera a coragem de me vender em troca de lealdade. Até que ponto isso seria motivo para o que fez?

A idade foi o que me chamou mais a atenção. Trinta e três anos, o que significava que poderia ter uma longa vida ao meu lado.

Não podia negar que Salvatore parecia um anjo enquanto dormia. O cabelo escuro como a noite, a mesma que se observava através das grandes janelas do quarto, tornou-se rebelde sobre a almofada. Possuía um físico invejável que o fazia ter uma presença confiante e respeitosa.

A respiração serena dava a sensação de que dormia profundamente.

² Chefe de todos os chefes.

Sussurrei o seu nome de modo melodioso para comprovar que ele se encontrava mesmo a descansar. Não obtive qualquer resposta nas várias tentativas.

Afastei a roupa da cama devagar, olhando para ele em busca de algum sinal de que tivesse acordado. Com cuidado, sentei-me e girei as pernas. Um certo conforto apoderou-se de mim quando os pés tocaram no chão de madeira. Levantei-me e engoli em seco ao vê-lo virar-se de lado. Peguei no robe pousado na banquetta ao fundo da cama. Após ver que continuava a dormir, vesti-o com calma para não fazer movimentos bruscos. Fiz o trajeto que me separava da liberdade em silêncio, cada passo mais lento que o anterior. A meio do caminho, virei a cabeça para verificar se ele continuava a dormir. O coração martelava-me aos ouvidos. Acho que até Salvatore conseguia ouvi-lo.

— O que pensas que estás a fazer? — Apontou-me a arma à cabeça, puxando-me com a mão para o corpo quente.

O coração acelerou ainda mais ao ter sido apanhada. Necessitava de pensar numa forma de sair daquela embrulhada com perspicácia. O corpo, traidor, estremecia em cada recanto, gritando o que a boca silenciava. Deixei cair a mão do puxador da porta.

— Estou com sede. — Solucei.

Apesar de ter crescido no meio, sempre fui mantida longe daquele mundo obscuro. Diziam-me que aquele universo não era para mulheres. O anúncio do noivado fez-me temer uma mudança drástica nos privilégios que possuía, algo que não pretendia perder. Não conhecia Salvatore assim tão bem para saber o que me esperava.

— Eu vou contigo buscar esse copo de água — sussurrou ao ouvido.

Um arrepio percorreu-me o corpo ao sentir o metal frio de encontro à pele desnuda. Senti uma pressão nas costas para que andasse em frente. Pé ante pé, fiz o caminho até à cozinha com o receio a aumentar a cada passo. Um bater descompassado fazia-se sentir no peito, as lágrimas lutavam para saírem. Enchi de água fresca o maior copo que encontrei. Precisava de ser o mais credível possível na minha mentira, por isso, bebi-o todo de uma vez.

— Linda menina — murmurou. — Se tentas fugir és uma mulher morta, Isabella.

A maneira sedutora como pronunciava o meu nome fez-me perder a força nas pernas. Havia algo de perigoso nele, mas sentia uma pequena segurança ao estarmos próximos.

Foco, Isabella! interiorizei. Lembra-te de quem ele é e do que é capaz.

Virei-me para a bancada para não deixar transparecer qualquer tipo de sentimento. Lavei o copo com calma, como se pudesse adiar o inevitável. Não havia como fugir. Aquele casamento forçado era a minha prisão. Estava perdida!



Capítulo 2

Salvatore

ISABELLA Moretti, com os seus vinte e dois anos, era a pessoa mais delicada e determinada que conhecia. Lembrava-me sempre dela com um longo cabelo castanho ondulado. Os olhos de um castanho vibrante eram capazes de alternar rapidamente entre um afeto escaldante e uma firmeza glacial.

O corpo elegante e ágil fazia dela uma pessoa silenciosa. Vincenzo avisou-me daquele pormenor, daí ter testado a sua querida filha. Acreditava que, após a ameaça de espetar-lhe uma bala nos cornos, não ousaria fugir. Ela era minha desde aquela tarde, no momento em que o sacerdote oficializou o matrimónio, e não deixaria de lembrar.

Voltou para o quarto hirta. Roci os dedos nos braços dela, fazendo-a desviar-se — um sinal de que estava chateada. E ainda bem! Era bom que ela cumprisse as minhas ordens ou teríamos problemas.

Deitou-se do seu lado da cama como boa esposa. Os olhos transmitiam frieza, como se a tivesse traído da pior maneira. Os braços cruzados, fora da roupa, davam-lhe um ar adorável ao fazer birra. O anel com o enorme diamante, que lhe ofereci no dia em que oficializei o pedido de casamento, descansava no dedo anelar, juntamente com a aliança em platina.

— Não fiques assim — afirmei com um tom autoritário.

Sabia que ela iria arranjar maneira de fugir. Eu não nasci ontem e acreditava que já tinha começado os planos de fuga.

— Não estou aqui? — Os olhos gelados focaram-se nos meus.

— Queria deixar bem claro que tu agora pertences-me, Bella. — Semicerrou o olhar ao ouvir as minhas palavras duras. Sei que estava a ser rígido demais, porém era o meu papel. — Pertences à *famiglia*, não tens como fugir disso. Podes facilitar ou dificultar-nos a vida. A escolha é tua: se queres ter uma convivência dita normal ou ser uma prisioneira.

Esperei pela sua resposta. Sabia como levar as negociações e acreditava que ela escolheria com sabedoria. Um bom líder possuía o poder de negociar mesmo em casa. Só não esperava estar a fazê-lo na nossa primeira noite.

Com aquele casamento arranjado, aliaram-se duas das *famiglie* mais poderosas da comunidade. *La Famiglia* Moretti ficaria ainda mais soberana com aquela aliança. Se Vincenzo pensava que eu deixaria ganhar terreno nos negócios, estava muito enganado.

— Serei a esposa que pretendes. — Virou-se de frente para mim e os meus pensamentos evaporaram-se. — Mas não aches que vou ficar todo o dia fechada em casa.

— Muito bem, o que pretendes? — Mordeu o lábio e ergueu o sobrolho com a minha questão. Queria ver até que ponto ela seria capaz de negociar e de levar as ideias avante.

— Quero seguir-te, entranhar-me e ajudar nos negócios. — Levantei o sobrolho, desconfiado de tal mudança de atitude. — Afinal não somos *famiglia*?

— Não tens qualquer tipo de formação, Bella — lembrei-a em tom grave.

— Eu aprendo rápido — Neguei, abanando a cabeça. — Posso ser uma mais-valia.

— Já disse que não! — Afastou a roupa da cama, porém envolvi-lhe o pulso para a deter. — Com um cartão ilimitado, não preferes passar o dia a fazer compras e a comandar esta casa? — Mordeu o lábio para se conter, antes de balançar a cabeça num simples movimento que negou aquele mundo que lhe pinte. — Porquê?

— Eu quero fazer alguma coisa. Se fui obrigada a casar contigo, quero ter a oportunidade de deixar a minha marca no mundo.

— Podes sempre criar uma associação para isso. — Encolhi os ombros, dando-lhe uma das sugestões mais óbvias. — Podemos arranjar-te algum passatempo.

— Não! — Revirou os olhos. — Se casei contigo, quero acompanhar-te.

— Mas eu não posso permitir que te magoes. — Passei as mãos pelo rosto. Ela era demasiado preciosa para que se magoasse. — Não podes acompanhar-me, Bella. É perigoso.

— Nunca me deixaram aproximar dos negócios, nem de qualquer parte desta vida. — Fixou o olhar caloroso nos meus. — Sempre garantiram que éramos tratadas como a realeza. — Levantou-se da cama

e caminhou até à janela. — Eu sou a filha mais velha, herdeira legítima dos Moretti. Desde que me lembro, é o filho mais velho que assume os negócios da *Famiglia* e não quero que a *Comissione* meta outra pessoa no cargo. Não quero que a sucessão saia da *famiglia*.

— Teoricamente, não é lei que o filho mais velho assuma o cargo. — Desviou o olhar para as janelas ao ouvir-me. — Alguns *Capi* treinam os descendentes para deixarem o cargo como herança, mas não é regra.

Isabella voltou a fixar o olhar no meu. Senti a fúria dela a transparecer neles, que parecia crescer a cada segundo.

— Então, diz-me, *Capo Famiglia* De Luca, quem seria a pessoa indicada para o cargo se algo acontecesse na *mia famiglia*? — Engoliu em seco.

— O caso teria de ser analisado com cautela. — Reorganizei o pensamento para chegar ao lugar que ela queria, enquanto encurtava a nossa distância. — Como estás casada comigo, é provável pensarem que seria eu o herdeiro.

Discutir estes assuntos na nossa primeira noite juntos era estranho. Não sentia que havia confiança suficiente para tal.

— Achas mesmo? — interrompeu-me.

— Deixa-me acabar o raciocínio.

— Força, *Don Salvatore*. — Revirou os olhos.

Ela estava a revirar-me os olhos? Não devia saber quem eu era?

Em movimentos rápidos e precisos, encaminhei-a para a cama e positionei-a sob mim. De cotovelos apoiados no colchão, permaneci a bloquear-lhe qualquer oportunidade de fuga. Observei o pânico a tomar conta dela.

— Não me reviras os olhos — rosnei. Isabella tentou abrir a boca várias vezes. Como não conseguia falar, acabou por assentir. — Agora esclarecendo o assunto, eu não irei assumir mais nenhum cargo. Ser *Capo di tutti Capi* e gerir as *famiglie di crimine* que estão associadas ao nosso nome já dão trabalho suficiente. — Acariciei-lhe a face, o retesar dela não me passou despercebido. — Lembra-te só que tu estás casada e sem voto na matéria. — Abri-lhe um sorriso malicioso. — O teu *padre* deu-me a honra de ser teu marido. E não podes fugir disso, *il mio tesoro*.

Passei-lhe a mão pelo braço, o que a fez afastar-se do contacto físico.

— Será difícil de me domares aos teus ideais. — Cerrou o maxilar. — Não vou deixar de defender aquilo em que acredito.

— Que seja, mas não te torna uma boa candidata para o cargo.

— Fiz uma pausa propositada. — O facto de seres mulher é um fator eliminatório no que toca à sucessão. Não tens qualquer treino ou capacidade para suportar esta vida.

— Isso é extremamente machista — resmungou.

— Até podes achar isso, mas serás capaz de escapar a um homem?

— Experimenta. Se pensas que vais conseguir mandar em mim...

Abri um sorriso e agarrei-lhe nos pulsos. Deixei o meu corpo encurtar ainda mais a distância. A minha pila estava dura como pedra. Isabella possuía aquele efeito em mim. Não conseguia entender o que se passava. Observei-a a debater-se para se soltar. A força que fazia era insignificante perante a minha. Só com uma mão, segurei-lhe os pulsos sobre a sua cabeça, enquanto a outra explorava-lhe o corpo sensual. Aproximei os nossos lábios e Isabella sorriu-me como uma predadora. Pressionou os dela nos meus, deixando-me beijá-la sem pudor pela primeira vez. Explorei com a língua cada bocadinho da sua boca até sentir uma dor aguda no lábio inferior. Cessei o beijo, mas apliquei mais força nos membros que a prendiam.

— Boa tentativa, Bella — sussurrei ainda com o lábio a latejar. — Mas não é o suficiente para que um homem te largue. Vais fazer com que o desafio seja ainda mais prazeroso. — Aproximei-me do ouvido dela e libertei os pulsos. — Não sentes a minha pila ainda mais dura?

— És nojento! — gritou ao bater com os punhos no colchão.

— Só estou a mostrar-te o porquê de as mulheres não serem capazes de estarem à frente do cargo. — A sua mão bateu-me na cara. Ela estava a dificultar-nos a vida e eu não queria entrar por este meio. — Tu batestes-me? — sussurrei com uma calma que não pensei que fosse possível.

A ira tomou conta de mim, mas tinha de fazer de tudo para me controlar. Inspirei e exalei duas vezes para me acalmar. Não podia perder a compostura. O horror era visível na sua expressão.

— *Mi scuso...* — balbuciou.

Levei o indicador aos seus lábios para fazer com que parasse de falar. Não valia a pena pedir desculpas depois do sucedido. Não gostava daquela atitude por parte das pessoas. Elas agiam impulsivamente, não paravam para pensar antes. Mas eram essas atitudes que diziam muito de um indivíduo.

Sentei-me na cama ao seu lado.

— Para terminar este assunto, como os teus progenitores tiveram duas filhas primeiro, a sucessão será feita para um dos melhores homens

da *Famiglia*. É ideal, para eles, que isso resulte num casamento com uma de vocês. — A minha voz assumiu um tom calmo que não pensei ser humanamente possível.

— Como a *mamma* — continuou. — Só que temos Giovanni...

— O teu irmão mais novo ainda não tem idade nem formação suficiente para liderar um bando de homens, quanto mais um clã como os Moretti.

Isabella voltou a afastar-se de mim. O corpo dela tremia de raiva, os olhos transmitiam a dor das minhas palavras. O puto dos Moretti era muito inexperiente, capaz de matar todos aqueles que estavam a seu cargo. Aquele mundo não era para brincadeiras, só um bom líder nos levava para a frente.

— Tens tios ou primos próximos? — pronunciei-me após o desconforto se tornar palpável. Um aceno de negação escapou-lhe ao virar-se para mim de novo. — Muito provavelmente passaria para o *Sottocapo*³ ou para outro membro de destaque na *famiglia*.

— O *Sottocapo* é um cretino de todo o tamanho, não irá pôr as mãos naquilo que é da *mia famiglia* desde a fundação da sociedade — resmungou.

— Não podes fazer nada, Bella. O destino será traçado a cada dia que passa. Temos de esperar que, quando for necessário, Giovanni esteja preparado.

— Eu vou treinar todos os dias, mesmo contra a tua vontade, para me preparar caso precise de auxiliar a *mia famiglia* — informou.

Ela prezava muito os seus, não poderia estar mais de acordo com os valores. Mas desafiar-me?

Não havia registo de outro membro a gerir *La Famiglia De Luca* sem ser o herdeiro legítimo; uma tradição que perdurava desde o tempo da formação da sociedade. Éramos treinados desde crianças para que a entrada e respetiva sucessão fossem nossas. Tive de merecer estar neste lugar. Se fizesse algo bem ou a favor de *La Famiglia*, não era valorizado; era como se fosse a minha obrigação. Não tive espaço para errar. Tive de garantir que era o melhor. O mais temível.

— E se fossem os De Luca a estar nessa situação? — ousou perguntar.

A curiosidade dela perante a nossa realidade atual deixava-me intrigado. Não pretendia abrir muito o jogo, não naquele momento. Não era o lugar para isso.

³ Subchefe.

— Em quem mais confias? — voltou a insistir.

— No meu *Sottocapo* — respondi-lhe sem hesitar. Confiava em Donatello de olhos fechados. — Vai dormir — ordenei, pondo fim à conversa.

— Iria ter de me casar com ele, caso te acontecesse algo? — continuou a insistir.

Sei bem ao que se referia. O maxilar cerrou ao pensar que outro homem lhe tocaria. Nem mesmo Donatello Rossi iria tocar-lhe com um dedo.

— Não! — rosnei. — Voltaria dos mortos para me certificar de que ninguém ousaria tocar naquilo que é meu.

— Estou a ver que não gostas de partilhar, mas eu não irei viver o resto da vida sozinha.

Inspirei e exalei com violência. O único som que se fazia ouvir no quarto era o da minha irritação. Ela estava a tirar-me do sério ao fazer-me frente com aquelas provocações.

— Imagina a tua mulher triste e abandonada, neste quarto, sozinha...

— Pousou a mão no meu peito acelerado.

— O que estás a tentar fazer? — Peguei-lhe no queixo e obriguei-a a olhar para mim.

— Estás com ciúmes — constatou.

— Não!

Estás sim!, atçou a minha consciência.

— Visto que não tens herdeiros, que eu saiba... — Semicerrei o olhar devido à sua insinuação. — Como não me queres casada com outro homem, eu não vou abdicar dos direitos como esposa...

— E isso significa o quê? — Cruzei os braços.

— Não sou pessoa para baixar os braços. Irei lutar por aquilo que me pertence, eu não fujo das minhas responsabilidades. — Mordeu o lábio.

— Muito bem. — A boca falou antes do cérebro processar as palavras. — Mas se pensas que isso te vai dar a oportunidade de me atraíçoares ou de te juntares a nós, pensa duas vezes. — Engoliu em seco com o meu silêncio demorado. — Estamos entendidos?

Assentiu, antes de encarar o escuro da noite que entrava pelas enormes janelas do quarto.

Teria de aprender que, a partir de hoje, a sua lealdade dever-se-ia aos De Luca. Além disso, eu não queria que ela estivesse associada àquela vida de crime. Era a minha mulher! Já corria riscos suficientes por isso. Iria protegê-la a todo o custo.



Capítulo 3

Isabella

ACORDEI envolvida nos braços do pior homem que me poderia ter. O cheiro amadeirado do perfume invadiu-me as narinas. Sentia-me uma traidora, depois do que declarei na noite em que *papà* anunciou o meu destino.

Eu não vou permitir que me case com aquele homem. Se tiver de fugir para sobreviver, é o que vou fazer. Independentemente se aprova ou não. Eu não quero estar com aquele homem! Il Principe é perigoso, sempre me disse isso.

Não me permitirei voltar atrás na decisão. Demorarei o tempo que for necessário, mas a fuga irá acontecer! Irei fazer de tudo para sair desta situação. Não serei capaz de ficar num relacionamento contra a minha vontade. Nem que, para isso, tenha de ganhar a confiança e o coração deste homem, mantendo o meu fora da equação.

Conhecia-o apenas dos eventos da comunidade; nunca trocámos mais do que uma dúzia de palavras. Salvatore era um membro da sociedade inalcançável para mim. E agora estava casada com ele? Era uma loucura!

Senti-o a mexer-se ao meu lado num gesto quase impercetível, mas que fez o meu sangue gelar. Ele acordou! Soltei o ar dos pulmões devagar e deslizei para mais perto dele, como se o meu corpo soubesse o papel que deveria representar antes de eu mesma. Os nossos corpos encontraram-se, encaixando como peças de um *puzzle*. O toque dos seus dedos e o aperto em torno da minha cintura fizeram os meus músculos gritarem. O instinto era fugir, mas a razão puxava-me para o «dever». Contive-me através de um suspiro delicado para esconder o pânico atrás da fachada de mulher perfeita.

Tu consegues fazer isto, Isabella, interiorizei.

Rodeei-lhe o corpo entre os braços. Os primeiros passos estavam dados. Inspirei o seu perfume, encostada ao seu peitoral.

— Isto significa que a decisão está tomada? — A rouquidão ainda estava presente na voz.

Assenti levemente com algum receio. Levantei a cabeça para o vislumbrar. Um sorriso de orelha a orelha invadiu-lhe os lábios ao soltá-lo.

— Eu sabia que tomarias a decisão certa. — As costas dele encontraram o colchão. — A noite dar-te-ia clareza.

Apoiei a cabeça no seu tronco, como se fosse normal entre nós, enquanto o meu coração galopava. Aqueles pequenos gestos teriam de parecer o mais naturais possíveis, mesmo que fosse algo temporário.

— Tens planos? — questionei, desviando o assunto para ver se teria alguma hipótese de colocar já a estratégia em prática.

— Vamos viajar ao fim do dia.

— Viajar?

Assentiu.

— Preferes passar *la luna di miele* aqui? — Levantou o sobrolho.

Desviei a roupa de cama com um gesto decidido e levantei-me num salto. Se ia viajar, precisava de me organizar: fazer as malas, ver o que me faltava e como poderia obter o que precisava, planos a traçar. Rodei os calcanhares para lhe perguntar onde iríamos, mas parei o movimento. A boca fechou-se, perdendo a capacidade de me pronunciar. As mãos firmes cravaram-se na minha cintura. Os olhos escuros, que transmitiam um perigo indecifrável, prenderam-se nos meus. Naquele momento, perdi a capacidade de respirar.

— Onde pensas que vais? — A voz dele não passava de um murmuro.

— Fazer as malas.

Pousou o dedo indicador nos meus lábios.

— A *governante* trata de tudo, Bella. — Acariciou-me o rosto. — Aproveita para descansares.

Obedeci-lhe e voltei a deitar-me. Salvatore encostou-se à cabeceira, com apenas o lençol a cobrir-lhe a cintura. Os abdominais eram uma tentação.

Isabella Moretti, comporta-te, interiorizei. Ele é teu inimigo. Tens de fazer de tudo para fugir daqui.

Observei-o, queria entender melhor a pessoa que se encontrava ali. O corte de cabelo impecável, alinhado até ao último fio de cabelo mesmo após levantar-se, refletia a autoridade e a modernidade da sua era de

domínio. A barba aparada dava-lhe um ar mais juvenil, em contraste com o peso do nome que carregava. A mão acariciava-me o braço com uma calma que arrepiava a pele. Quando os nossos olhos se cruzaram, o ambiente mudou. Havia uma chama diferente naquele olhar, algo que nunca vi nas nossas interações. Uma faísca contida, bem vívida, como se por um segundo deixasse cair a máscara.

Fomos interrompidos por uma batida na porta. Salvatore foi o primeiro a desviar o olhar, encarando a entrada do quarto.

— Eu avisei que não queria ser interrompido! — gritou Salvatore com uma voz grave.

Uma mulher de cabelo preto e amarrado entrou e parou à nossa frente. Os olhos eram escuros e a expressão era muito parecida com a de Salvatore. De mãos nas ancas, avaliou-nos. A roupa, escura, porém elegante, mostrava-me uma versão de quem eu poderia ser um dia.

— Isso são maneiras de me tratar, Lorenzo? Não foi assim que te eduquei.

— *Mi scuso, madre.* — O olhar transformou-se em puro arrependimento. O espanto tomou conta de mim. Aquela era a mulher que dera à luz aquele impiedoso homem. — Isabella, apresento-te Giulia.

Se o constrangimento matasse estaria estendida no chão. A mãe dele apanhou-me deitada com o filho, depois de um casamento com uma cerimónia recatada e longe de tudo o que era tradicional. As palavras que *papà* me dirigiu após me comunicar o local e a data não me saíam da cabeça.

«Terá de ser consumado em segredo para que não exista qualquer atentado contra ti, antes de te tornares uma De Luca.»

Não tinha deixado Salvatore tocar-me durante a nossa noite de núpcias. Ele pareceu compreender o facto de não me sentir confortável, só que existia um episódio que não me saía da cabeça.

O clique da fechadura foi baixo, mas soou como a minha sentença. A porta fechada era a morte da inocência. Não havia saída a partir de agora. Salvatore seria a pessoa que podia destruir aquilo que guardei durante anos. O sinal da minha pureza seria manchado.

Rodei os calcanhares ao ouvir os passos no pavimento de madeira. A imponência do seu corpo, aliada à dureza do seu olhar, faziam-me temê-lo de uma maneira que uma mulher não devia temer o seu marido.

Aquele quarto era onde ele reinava, o seu santuário. E eu estava nele como um cordeiro assustado. Desfez o laço, atirando o pequeno

pedaço de tecido para longe. O casaco ficou largado no chão, o relógio pousado na mesa de cabeceira. Aqueles gestos precisos mostravam o robô a quem estava destinada. Não ousei mexer um milímetro que fosse. Observava-o com o coração a martelar com mais força, acreditando que ele o ouvia dados os escassos metros que nos separavam.

— Tira o vestido — ordenou num tom frio, quase tão gelado como aquele quarto hostil.

Não havia sinal de ternura nele desde que atravessei o maldito corredor da capela.

As minhas mãos seguravam o tecido branco que me envolvia. Os pés estavam colados ao chão. A cabeça dizia para obedecer, com medo de represálias, mas o corpo recusava-se a fazê-lo.

— Tira-o. Ou faça-o eu — afirmou num tom baixo, enquanto se aproximava.

— Não... per favore — murmurei em tom baixo. — Eu... eu nunca estive com ninguém. Não quero isto. Não contigo.

Uma gargalhada ecoou, breve e fria, como se a minha súplica fosse uma diversão.

Recuei um passo ao vê-lo encurtar a distância. Embati com as costas na parede, ficando sem espaço para fugir. Os braços dele fecharam qualquer oportunidade.

— Não queres, tesoro? — murmurou ao ouvido. — Ainda bem. Será ainda mais doloroso.

A mão acariciou-me o rosto. Mordi o lábio para conter as lágrimas. Soltei um suspiro contido, enquanto o corpo traía-me da pior maneira.

Num ápice, ele rodou o meu corpo. A cada centímetro que o meu vestido era aberto, as lágrimas cresciam-me nos olhos. Estava a pouco de sentir o peso da violação do meu corpo. Era doloroso.

Demorou até sentir o tecido que me cobria ceder. Escorregou pelo corpo e expôs-me àquele homem sem coração. Alcancei-o para me tapar, porém o pulso foi agarrado com força.

— Olha para ti — afirmou com desprezo ao fazer-me olhar para ele. — Toda intacta.

Mordi o lábio para conter as palavras que poderiam ser a minha ruína.

Tu precisas de sobreviver, interiorizei. Conhecia a fama que precedia o Capo. Seria a minha morte se o desafiasse.

O olhar dele percorria-me de alto a baixo. Um julgamento. Uma sentença.

Até que se afastou. Encostei-me ainda mais à parede, à espera da dor que viria... do momento em que ele me tomasse à força. Mas não aconteceu.

Ergui o olhar, ainda a medo, deparando-me com ele parado a observar-me. Os braços cruzados e o sobrolho erguido eram como uma bofetada para mim.

— Não vais fazer-me tua esta noite? — arrisquei dizer.

— Já olhaste para ti? — O tom de voz era áspero. — Estás com medo de que eu te toque. És só ridícula!

— Quem pensas que és para me chamar isso?

Limpei as lágrimas com a mão, enquanto caminhava na sua direção.

— O teu marido, segundo Deus. — Descruzou os braços, fazendo-me estancar o movimento. — Mas não te preocupes que não te vou tocar. Quem diria que a menina dos olhos de Vincenzo não passava de uma fraca.

Virou costas como se eu não estivesse ali. A raiva fez-me pegar na minha clutch e atirá-la contra ele. O tempo parou. O rodar dos seus pés tornou-se mais lento que o normal. Eu estava a diverti-lo, o sorriso nascia-lhe nos lábios e a descontração tomava conta dele.

— Eu não sou fraca! — gritei.

— Viste no estado em que ficaste só por te ajudar com o vestido, Isabella? — Soltou uma gargalhada. — Onde já se viu ter medo do próprio marido!

— A tua reputação não é a melhor.

— Mesmo assim casaste comigo.

— Eu não tinha escolha, pois não?

— Não. — Sentou-se na cama, aproveitando para descalçar os sapatos.

— Porque o fizeste? — insisti.

— Pedir-te em casamento? — Fiz um leve aceno. — Tive as minhas razões.

— Não as vais partilhar?

— Lembra-te, Isabella. — Desviou o assunto. — Posso não te estar a cobrar a consumação do matrimónio, mas um dia irá acontecer. E nesse dia, não serei benevolente.

— Eu não quero conhecer a rameira da tua amante, Lorenzo. — A voz da mulher madura tirou-me dos pensamentos.

Nunca as palavras doeram tanto. Senti-me tão insultada ao ouvir o

que poderiam pensar de mim. Cobri o corpo com o lençol. Mesmo com a camisa de noite vestida, sentia-me exposta.

— Está a falar com a minha mulher, *madre*. — A voz alterou-se para uma frieza implacável. — Acabou de insultar a pessoa que escolhi para partilhar a vida.

A boca dela abriu-se e procurou uma cadeira para se sentar. Aproveitei o momento para me endireitar, sentando-me ao lado de Salvatore.

Olhei para ele. As chamas dos seus olhos eram capazes de queimar tudo o que se colocasse à frente. Aquele homem era uma incógnita, até para mim. Por vezes, parecia não se importar minimamente comigo; outras, mostrava ser capaz de destruir o mundo se alguém ousasse tocar-me com um dedo. Havia algo na postura do *Capo* mais importante da sociedade que era incompreensível. Haveria receio que a aliança acabasse por ruir se me acontecesse algo?

— Salvatore Lorenzo Rossi De Luca, que história é essa? — A mulher fez-me desviar os olhos do meu suposto marido para a encarar. A voz parecia veludo, mas havia algo que não coincidia com a personalidade que demonstrou ao entrar.

— Casei-me, *madre*. — O braço descansou-me nos ombros. — Ontem!

— E porque é que não fui informada de tal?

— Isabella não podia ser um alvo. — Soltou um suspiro bem audível. — Ela é uma Moretti, a mais velha das filhas de Vincenzo... — A perfeita sobranceira de Giulia levantou-se. — Sabe o quanto ele me apoiou quando subi ao lugar do *padre*? Foi o primeiro a fazê-lo, mesmo que a minha idade fosse um entrave. Vincenzo propôs-me uma aliança em troca da mão da sua filha.

— Compreendo, Salvatore. Mas casar em segredo?

— Sabe quantos Homens Honrados andam atrás de um bom casamento para as filhas?

— Todos eles andam atrás de um bom partido para a sua aliança. — Cruzou os braços.

— Eles utilizam as filhas para garantir as alianças. Isabella é uma das mulheres mais cobiçadas da sociedade. Os nossos estatutos fizeram com que esta união se desse com a máxima segurança. Casámo-nos numa pequena capela, longe de todos os olhares, com o mínimo de pessoas possível. — Roçou os lábios no meu ombro desnudo. Controlei-me para não afastar o corpo dele. Não podia deitar tudo a perder; teria de demonstrar que éramos um casal, mesmo que a minha vontade fosse

esfregar o corpo até tirar a sensação do seu toque. — A festa de hoje será apenas para anunciar o nosso matrimónio.

— Festa? — Olhei-o de relance, e ele assentiu.

— Não deixaste acabar o que te estava a dizer — sussurrou.

— Mas não faz sentido ter sido tudo nesse secretismo — resmungou Giulia. — Eu poderia estar presente.

— Apesar de termos casado e de estarmos noivos há semanas, o anúncio do noivado só saiu ontem para a comunidade minutos antes do enlace. — Respirou fundo. — Já que a minha tomada de posse não foi bem-vista, este casamento irá aumentar a minha popularidade perante os nossos. *La Famiglia* Moretti é das mais antigas e bem posicionadas dentro da comunidade, tal como a nossa. Isabella foi o melhor que poderia receber.

— Falas de mim como se não estivesse aqui ou como se fosse um objeto — resmunguei.

— Além de ter uma língua bem afiada — concluiu.

— Não caíste num dos esquemas do Vincenzo? — especulou Giulia.

— Sabes que a nossa *famiglia* é do mais importante...

— Talvez, mas só o tempo o dirá. Neste momento, tenho-a do nosso lado. Acho que não nos irá apunhalar...

Um arrepio trespassou o meu corpo.

— Salvatore Lorenzo, não me digas que ameaçaste a tua mulher? — Ele encolheu os ombros. — Isabella, ele fez isso?

Olhei para Giulia e de seguida para Salvatore.

— Não foi a melhor forma de começarmos o nosso relacionamento. — Abri um sorriso.

O olhar semicerrado que Salvatore me lançou mostrou o quão chateado ficou. As suas narinas dilataram e a respiração alterou-se.

— Mas ele ameaçou-te, Isabella? — O tom de voz de Giulia era muito carinhoso e convidativo a confessar o que aconteceu. — Eu juro-te que se te fez mal, ainda vai a tempo de levar um valente puxão de orelhas. Eu não criei um filho para maltratar as mulheres, nem as ameaçar.

Por muito divertido que fosse vê-lo em problemas com a progenitora, acabei por negar. Não queria que ele retaliasse quando nos encontrássemos sozinhos, tampouco precisava de ninguém a travar as minhas lutas.

— Linda menina! — sussurrou ao beijar-me a face.